

Encontro de Psicanálise – 02/08/2009

DESEJO, RESISTÊNCIA E PSICANÁLISE. PARA ONDE VAI O SUJEITO CONTEMPORÂNEO?

1969, há 40 anos, o astronauta americano Neil Armstrong transformava em realidade o sonho mais antigo das civilizações humanas ao se tornar o primeiro homem a caminhar na Lua.

"Este é um pequeno passo para um homem, mas um grande salto para a humanidade", recitou Armstrong com a voz levemente distorcida pela distância e pelos equipamentos de comunicação. A frase ficaria marcada para sempre nos livros de história.

1989, há 20 anos atrás inaugurava, a nossa querida SIG, instituição comprometida e desafiadora ao assumir uma importante tarefa com o compromisso da transmissão da Psicanálise de um modo singular e próprio. Propósito esse consolidado e reafirmado em sua ética e crítica quando após 20 anos celebramos com a Jornada As Múltiplas Faces da Destrutividade...

O homem vai à lua. Com a descoberta da sexualidade, e o destino que podemos dar a mesma sendo o recalçamento e a sublimação a possibilidade que ideais sejam buscados pelo humano coloca-se em cena a compreensão de porque o homem precisa ir além de si mesmo. Possibilidade construída através da ligação de desejos à construção de ideais, diferente dos animais, que buscam suas satisfações apenas até onde seus registros instintivos permitem que este vá...

No entanto, os atos humanos nem sempre vão na direção de construções que o levem além de si mesmos, enquanto crescimento, muitos o aproximam da destrutividade, do mal e até o levam a morte. Sabemos que para que a vida a vida de fato se dê é preciso que o mortífero que pulsiona no sujeito, seja transformado em vida e nesse processo a singularidade entra em cena ao processar dentro de si o bem e o mal... e o traumático deixa suas marcas nessa trama...

Então, se por um lado há muito o que nos encante naquilo que resulta dos sonho humano, o progresso cultural, também promove algumas capturas que vão na direção oposta... Estamos divididos em guetos, nas cidades a família não dá conta de educar seus filhos, o público se sobrepõe ao privado, o biopoder nos fazer entregues, a violência nos assusta, fazendo com que os presídios e as grades de nossas casas também...

No ano passado eu me perguntava aqui em outro Encontro de Psicanálise sobre a evolução tecnológica... Perguntava-me como se inscreve no universo infantil, a virtualidade, nos oferecendo um campo que até pouco tempo fazia parte somente da ficção, especialmente quanto aos jogos virtuais e internet. Que mudanças estão presentes com essas novas linguagens em que a imagem e a rapidez imperam? O adulto precisa posicionar-se, mas por vezes confunde-se como se houvesse entre adultos e crianças no espaço virtual. Esse foi o ponto que me pareceu mais importante do que discutíamos aqui: A criança ao ter a habilidade de lidar com a virtualidade, deixaria o adulto na posição de não ter o que dizer.

Sílvia Bleichmar em “A Subjetividade em Risco” aponta que continua a inquietar o humano a fátia, a vida e a morte. Preocupa-nos quando os personagens ganham mais cena que os próprios pais..então que nossa tarefa de psicanalistas é de buscar o sentido que a virtualidade possa ter à subjetividade de cada sujeito que escutamos e que esta possa contribuir com a vida ao invés de ser uma captura impedindo outras construções. E aí os convido a pensarmos no tema da construção subjetiva.

Em nossa Jornada (XV Jornada da Sigmund Freud Associação Psicanalítica – As Múltiplas Faces da Destrutividade) foi relatada uma situação em que uma mãe busca para seu filho, no âmbito público um auxílio no esporte e lá o menino é abusado pelo professor.

Perguntamo-nos se nossas divisórias não estariam no lugar errado. As paredes dos condomínios e dos presídios estão faltando entre o adulto e a criança?

Freud (1908) pontua, que o desejo de crescer da criança, é expresso via o brincar. Desejo este relativizado por Lacan ao sinalizar que o que a criança de fato deseja é ser desejada pelo outro, portanto deseja ser o que desejarem dela. Os pais podem desejar que a criança cresça, que ela fique pequena, ou que ela já seja grande. Nem sempre o desejo é que a criança cresça, por vezes a demanda é de ficar colada na mãe, ou não pode passar do pai, ou ainda é colocada numa posição de muito poder possuindo a capacidade de acabar com a vida de alguém.

O desejo abusivo do pai capturado pela violência da droga, sobre a criança que está dentro da paciente apresentada no caso clínico da Jornada, Dorizete, mostra-se como se ambos estivessem na mesma posição e uma indiferença trágica dos lugares de pai e filha, assim como o professor que abusa do aluno, não havendo a compreensão de que algo está ali a se construir, o transitório, indecيدido que precisaria ser identificado e pontuado pelo adulto. Outro exemplo, talvez menos trágico, mas também de conseqüências importantes é de quando recebo para uma primeira sessão **um casal muito bonito e que entra de mãos dadas, sendo que só apenas alguns minutos após seus relatos identifico, também por seus traços parecidos serem mãe e filho de 17 anos. Parece não haver aí a lógica esperada que vai de encontro às possibilidades de busca de solução das dinâmicas psíquicas pela via edípica, onde a competição e a abertura para a busca de ideais, através da identificação com os pais, que então se distanciam. As diferenças precisariam ser consideradas entre adultos e crianças, o que parece estar impedido nas situações colocadas. Ao contrário, a sexualidade dos adultos e das crianças está misturada, indiferenciada, colada. Poderíamos pensar que é por esta via que se dá uma disposição para que ocorram as patologias narcisistas, em que ao invés de se dar o recalçamento de modo efetivo, há uma**

construção egóica frágil em que o narcisismo se esforça para dar conta do que faltou no olhar do outro diferenciado...

A sexualidade infantil, descoberta por Freud, definiu que as peculiaridades da vida erótica adulta foram complexizadas a partir da posição infantil. Infantil que é dado pela parcialidade das pulsões impressas na infância e sedimentadas na vida adulta com a genitalidade. Abre-se então, uma nova direção com relação ao alívio do sofrimento, com a possibilidade de ressignificar suas formas de satisfação sexual, a partir do já vivido infantil. Dá-se com isso, a descoberta do desejo, da excitação sexual também na infância, descoberta de Freud, o que esteve encoberto na cultura devido ao recalçamento que sobre a sexualidade pré-genital opera. Esteve encoberto justamente porque o recalçamento assim promoveu. E é justo a partir de algo que precisa ficar encoberto, não à mostra, que o recalçamento enquanto constitutivo do aparelho psíquico se dê, pois para isso, é necessária uma diferenciação do que é de dentro e do que é de fora. A diferença dentro e fora é facilitada para a criança se ela não participar de todos os espaços dos pais ou do mundo adulto, pois a noção eu - outro é o apoio para esse processo. No entanto, conforme o que discuto acima, a atualidade imprime outras marcas. Em Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade, 1905, Freud afirma que “a excitação sexual surge como um subproduto, por assim dizer, de um grande

número de processos que ocorrem no organismo, tão logo alcançam certo grau de intensidade, e muito especialmente de qualquer emoção relativamente poderosa...” Esses processos se dão na relação com o semelhante, fundam a sexualidade e são constitutivos do sujeito. A sexualidade, portanto, origina-se com o apoio na cultura, não existindo desde as origens. No texto do Projeto para uma Psicologia Científica (1895) Freud pontua haver uma urgência à descarga a partir do enchimento dos neurônios em psi que é liberada pela via motora, ocorrendo uma alteração interna como o choro e a inervação vascular. Porém, a descarga não produz resultado aliviante, pois este estímulo endógeno continua a ser recebido, tensionando, necessitando de uma intervenção que requer uma alteração no mundo externo, a ação específica.

“O organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte de todos os motivos morais” (Freud, 1895, p. 336).

Então, é com a ajuda alheia, com a ação específica que responde a uma descarga do bebê, comunicação deste com o meio, que o estímulo endógeno é

removido constituindo a experiência de satisfação, havendo uma facilitação entre duas imagens mnêmicas e os neurônios nucleares ficam catexizados, surge então o desejo, o auto-erotismo que posteriormente resultará no narcisismo.

A nova ação psíquica que processa a partir da ação específica o recalçamento originário, um contra-investimento da pulsão, fixando-a, criando condições para que o narcisismo, enquanto auto-investimento libidinal por parte do sujeito infantil, junto com o investimento narcisista parental, dê origem ao ego. Feito isso, inscrições de base mantêm-se no inconsciente colocando o aparelho psíquico em funcionamento, propiciando que as pulsões operem e busquem a satisfação. A articulação a partir da linguagem do outro só será condição suficiente de linguagem quando o recalçamento diferencie os sistemas psíquicos. Para que a cadeia de facilitações possa frear seus modos de evacuação compulsivos e instaurar vias colaterais que propiciem um entramado ligador entre os processos psíquicos. Para tanto, é necessário que o semelhante se aproxime do bebê com representações totalizantes, narcisistas, egóicas, do contrário a criança fica entregue a facilitações não articuladas que submetam a uma dor constante com tendência a uma compulsão evacuativa. Impedimentos propostos pela cultura levam à indiferenciação entre adultos e crianças, ocorrendo que a ação específica que promove a nova ação psíquica e

o recalçamento, dando origem ao ego, fique obstruída e conseqüentemente o recalçamento originário debilitado. Talvez aí estamos diante do traumático que vai além do constitutivo que possa ser metabolizado.

Os processos psíquicos exigem uma organização e também para que o recalçamento propriamente dito se dê, é necessário que a consecução da finalidade da pulsão produza desprazer, para então promover uma rejeição baseada num julgamento, o que é promovido pela cultura, pelo semelhante. A ambivalência se faz necessária, o que é prazer para uma instância, passa a ser desprazer a outra. Alguém precisa mostrar uma oposição, um desconforto, quanto à realização dos seus desejos, para que a criança construa tais processos. Segundo o que nos propõe Freud, é condição para o recalçamento que a força motora do desprazer adquira mais vigor do que o prazer obtido da satisfação. Para tanto, é preciso haver o reconhecimento das determinações do outro em si mesmo, para que o sujeito se reconheça através deste. Precisa acontecer o processo de pôr o estrangeiro do outro em si e se fazer reconhecer, ocorrendo a identificação e o recalque. E aqui podemos ligar o modelo das identificações com o proposto por Freud no Projeto, onde aponta ser o desamparo inicial dos seres humanos, a fonte de todos os motivos morais, pois é através do amparo que o outro, via a ação específica propõe algo que faz com que a criança se constitua, estrutura o recalçamento originário, sendo o que

possibilita posteriormente a construção da moral. Para isso, o outro precisa estar diferenciado. É sobre esse primeiro tempo, em que o que é de fora e o que é de dentro se constitui, que o sujeito passa a identificar o que deseja, a partir do que desejam dele, e então saber o que fazer do que deseja. A presença do outro, enquanto diferença se faz necessária tanto no processo originário do recalçamento quanto do recalçamento propriamente dito. Do contrário, na indiferenciação adulto criança a excitação promovida pelo outro entra como um excesso não podendo a criança processar o que ocorre, o traumático se dá.

Então, a ajuda alheia que propõe a ação específica, precisa ser exercida por uma pessoa experiente, segundo o que propõe Freud e, portanto, diferenciada. A isso, acrescento o que nos diz Freud sobre o tema das identificações, em Sobre o Narcisismo: Uma Introdução; que para a identificação, importante se faz a escolha de objeto por apoio, na qual o sujeito se constitui com base no modelo parental, diferente do modelo de escolha de objeto em conformidade a si mesmo, ao que é, foi ou gostaria de ser, ou a alguém que foi parte dele. Sob esta ótica, a indiferenciação pais (ou cuidadores) filhos estaria dificultando a escolha de objetos pela via do modelo parental e, portanto, ocorrendo uma disposição a escolha de objeto em conformidade consigo mesmo, obstruindo, portanto o recalçamento e a posterior resolução edípica. E aí, buscando

novamente Freud, em *Pulsão e seus Destinos* de 1915, encontramos que, antes de a organização mental ser capaz de afastar determinada coisa do consciente mantendo-a à distância, ou seja, recalcar, a tarefa de rechaçar as pulsões cabe às outras vicissitudes como a transformação no contrário e a volta contra si mesmo. Se o modelo de escolha objetal de um indivíduo é em conformidade consigo mesmo, fica obstruído o processo em que o prazer buscado pela pulsão torna-se desprazer para outro sistema, pois esse mecanismo é apoiado no outro, modelo parental que promove o recalçamento. Então a fuga do desprazer, o recalque, fica debilitada, e aí temos um prazer que se transforma em ansiedade. As pulsões tomam como destino a volta contra si mesmo e da transformação no contrário, observados nos atos impulsivos e nas manifestações hostis, devido à debilidade do recalçamento. Refiro-me aí ao recalçamento originário, à dificuldade de identificar seus desejos, de identificar o que é de dentro e o que é de fora de si, o que é dele e o que é do outro.

Conforme refere Bárbara Conte (2003) em “Prazer e Dor”, a dor e o desprazer colocam em funcionamento o aparelho psíquico, uma vez que atuam como sinais, provocando uma repulsa do bebê à situação que causa a dor. Esse processo é promovido pela ação específica, já que o bebê não dá conta disso sozinho. Mas quando não há a ação específica, ocorre a superestimulação ao

invés do aplacamento, falha o alívio da dor, a diminuição da tensão e não ocorre o prazer, e então a dor e o desprazer deixam de cumprir a função de sinalizar e se transformam em metas, o prazer acaba associando-se à dor. Portanto, o processo se inverte, ao invés de haver uma repulsa frente à dor, esta se torna fonte de prazer e aquilo que deveria ser descarregado ou rejeitado é buscado como fonte de prazer, instalando-se o masoquismo. Em *Pulsões e Seus Destinos* (1915) Freud afirma que o masoquismo seria o retorno do sadismo, a partir da mudança de objeto em que a pessoa alheia exerce violência contra o sujeito, e na base da transformação da meta, ou seja, da transformação no contrário. O sujeito, antes ativo, assume o papel passivo, recebe humilhações e se torna subjugado. O objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Então, podemos entender que, a obstrução da diferença entre adulto e criança, pode propiciar que no lugar do alívio de tensão, a busca pela dor ligada a satisfação se faça presente no sujeito que se constitui. Se pegarmos este modelo para a constituição que vai além do bebê, para pensar aquilo que excede da excitação da criança maior que se constitui, faz a dor virar meta se o outro adulto presente excita para além do que deveria organizar.

Ainda, Bárbara Conte (2003), une a teoria do apoio de Freud, onde o sexual se apóia em uma das funções que servem à auto-conservação da vida à teoria do trauma:

“... associar a teoria do apoio à teoria do trauma, marcando a ligação entre o excesso de excitação e a sedução como disposição masoquista, momento em que ocorre a reflexibilidade da sedução do outro associada à dor. Os dois mecanismos de retorno sobre a própria pessoa e a transformação do passivo em ativo correspondem a esse movimento no texto freudiano” (Conte, 2003, p. 20).

Digamos que, ao não ser considerada a transitoriedade do infantil e a diferença entre cuidadores e crianças, o adulto promove excesso de excitação, sendo traumática, não podendo organizar os impulsos, ficando a sedução do outro, associada à dor. Tais processos dificultam que o narcisismo, a construção egóica e a posterior constituição edípica se organizem de modo efetivo.

A sexualidade humana se constrói a partir das representações-coisa que circulam sob os modos do processo primário e dos investimentos massivos do auto-erotismo recalcado, do inconsciente da mãe ou de quem exerça essa função. Os pré-requisitos de ligação dessa energia sexual originária

encontram-se no funcionamento do narcisismo materno, sendo este concebido em sua diferenciação do auto-erotismo, como anobjetal, mas sim objetalizando-se em uma comunicação capaz de fazer o bebê ou a criança ingressar na lógica da castração. Então, o ego que produz inibições e propicia ligações pela via excitatória no semelhante humano, provém além dos recursos para a vida, os recursos em sua potencialidade de pulsão de vida, ordenamento ligador que propicia uma articulação da tendência reguladora à descarga. Portanto a mãe, ou quem exerça tal função precisa estar clivada em dois sistemas psíquicos, um sob o funcionamento do processo primário, no qual se inscreve o desejo infantil, sexualidade auto-erótica inscrita e fixada pelo recalçamento originário e outro sistema regido pelo narcisismo, sob o modo dos processos egóicos que se definem como sistemas de representações ligadas ao modo de circulação do processo secundário, ambos operados pela mãe ao mesmo tempo. E esse processo se dá a partir de quantidades por parte do princípio de constância e de qualidade por parte do lado da consciência quanto ao princípio de prazer-desprazer. No texto O Projeto para uma Psicologia Científica, Freud aponta que um objeto semelhante foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto satisfatório e mais tarde seu primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar. Ou seja, aquilo que até então fora semelhante precisa ser percebido como uma dessemelhança o que dará

oportunidade à atividade do pensamento, e do reconhecimento das diferenças e do juízo, com a ação do ego.

Podemos pensar que, estando os pais impedidos de diferenciarem desejos seus das necessidades de um filho, estariam impedidos de processarem a dessemelhança proposta por Freud, instaurando-se o traumático. Os processos que ocorrerão a partir da dessemelhança é que possibilitam que a criança perceba que em determinado momento desagrada com tal ação, precisando então postergar, deixar para o futuro, para um tempo que está por vir.

“A criança concretizará o sonho dourado dos pais – o menino se tornará um grande homem e um herói em lugar do pai, e a menina se casará com um príncipe como compensação para sua mãe” (Freud, 1914, p. 108. 1914).

Freud aponta algo quanto ao futuro: a criança concretizará, propõe Freud. Parece que com o destrutivo está justamente em um lugar já definido... perde-se o tempo futuro, não saber de si – quem eu vou ser quando crescer, se eu já sou o parceiro da minha mãe embora filho dela (ou do pai, ou do professor, conforme os casos contados). Se já está definido, não há espaço para o sonho, para a construção dos ideais. Ou seja, se a criança, ao estar numa posição indiferenciada com relação ao adulto, já é no presente o que precisaria desejar

para o futuro, ser o parceiro sexual de alguém. O faz no presente de forma precoce, sem poder sê-lo, aí é traumático, pois ocupa um lugar que não é seu... Aí o abuso está dado e a dor se transforma em meta.

Desta forma, a criança é incluída como fonte de satisfação do desejo dos pais e não no lugar de poder dirigir a eles suas demandas edípicas, lógica inversa ao esperado. E para seu amadurecimento sexual e correspondente crescimento subjetivo precisa estar excluída de algo, do contexto adulto, estar numa assimetria onde possa construir um espaço a partir dos desejos dos pais, transformados em seus, do contrário, permanece numa posição narcísica, com um excesso de identificação, acreditando ser igual aos pais, o que parece ser a dinâmica vista na atualidade. Com isso, o recalçamento fica debilitado pois ao invés de uma separação do passado, presente e futuro, há um achatamento da temporalidade. Os ideais estão no presente, há uma captura narcísica que impede a transformação do ego ideal ao ideal de ego. No ideal narcísico não dá lugar à dessemelhança, à exclusão e a moralidade fica comprometida ou borrada com a demanda do outro.

O que fica encoberto não é a sexualidade infantil, mas a indiferenciação entre esta e a dos adultos, ou entre os adultos entre si, quanto tratamos de um paciente adulto...

A resistência do adulto em coloca-se para pontuar o indefinido da posição infantil confunde o sujeito que se constrói. Ao agir no impulso de seu desejo sem que uma instância egóica entre em cena o sujeito maduro que assim deveria posicionar-se, deixa o pequeno ser exposto a um excesso que terá dificuldade de processar. Sabemos que isso pode resultar em atos impulsivos, violentos e destrutivos contra si e contra os outros por deixar nesse registro uma marca de dor que tenderá a repetir-se. Essa repetição se dará também na transferência. No paciente a compulsão à repetição se faz presente, pois se dizemos que o recalçamento está debilitado, as resistências do ego e do super ego estarão enfraquecidas, estando pouco presentes a consciência e a culpa sobre seus atos.

De algum modo a repetição da cena traumática ocorrerá na transferência... É preciso desobstruir os caminhos para que o sujeito entre em cena, de modo que a decifrar o que lhe excede e construir o seu lugar simbólico ao discriminar o seu desejo e o do outro, que se intrometeu, sedimentando aos poucos o recalçamento. Para tanto é imprescindível a mobilidade e disponibilidade do analista para tecer na transferência uma lógica que escute a dor do outro sem quebrar as regras de abstinência, construindo uma assimetria, mostrando a intenção que se diferencia da intromissão vivida pelo paciente anteriormente. A partir da nossa escuta diferenciada, podemos

auxiliar o sujeito a identificar o seu tempo e espaço, desvendando seus desejos saindo da captura que por vezes o aproximava da destrutividade. A assimetria na transferência promove as condições para que, pouco a pouco, a realidade possa ser fantasiada e que ao invés do ato o sonho ocupe a cena de cada um.

Para onde vai só cada um saberá... passar a saber de si são pequenos passos, mas um grande salto de alguém que constrói sua própria vida com ideais singulares e nisso muito temos a contribuir com a psicanálise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLEICHMAR, S. (1994). *A Fundação do inconsciente*. Destinos de pulsão, destinos do sujeito. Tradução de BEHR, Kênia Ballve, Porto Alegre: Artes Médicas. P. 03-45 (Texto original publicado em 1993).

CONTE, B. (2002). *Prazer e dor*. O masoquismo e a sexualidade, Porto Alegre: Criação Humana. P. 16-39 e 94-116.

FREUD, Sigmund (1895). *O Projeto para uma Psicologia Científica*. Tradução de REGO, M. A. M. In SALOMÃO, J. (org.) Edição Standard Brasileira de Obras Completas de

Sigmund Freud. V. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1937). P. 5-213.

_____ (1905). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Tradução de REGO, M. A. M. In SALOMÃO, J. (org.) Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud. V. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1937). P. 5-213.

_____ (1914). *Sobre o Narcisismo: uma Introdução*. Tradução de REGO, M. A. M. In SALOMÃO, J. (org.) Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1937). P. 16-100.

_____ (1915). *Artigos sobre Metapsicologia. Repressão. O Inconsciente. Pulsão e seus destinos*. Tradução de REGO, M. A. M. In SALOMÃO, J. (org.) Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1937). P. 123-233.

_____ (1920). *Além do princípio do prazer*. Tradução de REGO, M. A. M. In SALOMÃO, J. (org.) Edição Standard Brasileira de Obras Completas de Sigmund Freud. V. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Original publicado em 1937). P. 23-29.

JERUSALINSKY, Alfredo (1997). Sintomas da Infância. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Ato & Interpretação, Ano VII, n. 13, p. 07-14.

_____ (2003). Seminários I. *Seminários proferidos no Instituto de Psicologia da USP*, 2001. Porto Alegre, RS: Lugar de Vida. P. 69-87.